

ESTAMOS TODOS “ORANDO POR BOBBY”: A ANGÚSTIA E A EXPERIÊNCIA DA DOR COMO FORMA DE SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL

Deonato Feltz Júnior – Universidade Federal do Espírito Santo
feltzjr@gmail.com

Alessandro da Silva Guimarães – Universidade Federal do Espírito Santo
alessandro2210@gmail.com

INTRODUÇÃO

O filme ‘Orações para Bobby’¹ é o drama da história de Bobby Griffith e da forma como sua família, em especial sua mãe (Mary Griffith), lida com as questões inerentes à homossexualidade. Jovem, criado junto a uma família tradicional cristã nos EUA, Bobby sonha em ser escritor. Seu sonho é lamentavelmente impossibilitado por sua morte prematura, aos 20 anos, quando decide se lançar de uma ponte e um caminhão o atropela. A primeira cena do filme nos mostra uma lâmpada que se acende enquanto Mary Griffith exerce seu ofício de costureira, Bobby caminha sobre a ponte que serviria de objeto para o seu suicídio. Como uma metáfora da existência, essa cena aparece para nos dizer muito sobre a forma como agimos com/sobre o tecido de nossas vidas, pois ao mesmo tempo em que ela tecia o fio da existência na tentativa de não ver seu filho como homossexual, costurava para o filho o caminho da rejeição, da exclusão, do medo e, conseqüentemente, do suicídio.

“No esforço e pelo esforço, faz-se a existência e desfia-se o fio do sentido” (PIZZOLANTE, 2008, p. 14). O esforço de Mary durante todo o filme é fazer com que Bobby aceite a condição de pecador e a partir dessa aceitação promover nele uma mudança de orientação sexual. Esse esforço se explica por uma existência marcada pelo que Heidegger (2008) denomina de impessoal², “[...] o modo cotidiano de ser-si mesmo, cuja explicação torna visível o que se poderia chamar de ‘sujeito’ da cotidianidade, a saber, o impessoal” (p.

¹ Do original *Prayers for Bobby*. Dirigido por Russell Mulcahy no ano de 2009, o longa-metragem tem 88 minutos de duração e traz em seu elenco principal: Sigourney Weaver, Ryan Kelley, Henry Czerny, Dan Butler, Austin Nichols, Carly Schroeder, Shanon Eagen.

² “Para indicar a ação impessoal de um verbo, a língua alemã dispõe de dois pronomes: *es* e *man*. *Es* indica uma impessoalidade indiferenciada. O sujeito da ação pode ser uma coisa, uma pessoa, uma situação. O *Man* exprime, por sua vez, uma impessoalidade diferenciada, pois diz que ocorreu uma despersonalização de pessoas. Corresponde ao português ‘a gente’” (SCHUBACK in HEIDEGGER, 2008, p. 571).

169). Mary é uma tradicional mãe de família, casada, com quatro filhos e o amor dela aos filhos é expresso, inúmeras vezes, em muitas cenas. Ao prestarmos atenção no filme, percebemos que Mary não deixou de amar Bobby quando o mesmo se desvela homossexual, mas, tomada pela impessoalidade do discurso religioso que exclui os gays como merecedores do amor de Deus e cidadãos de direitos, ela começa a tecer caminhos potencialmente problemáticos para si, para sua família e, principalmente, para Bobby.

A existência é o *lócus* privilegiado para pensarmos as questões que nos instigaram a escrever este trabalho, sendo assim se faz necessário explicitar o que entendemos por existência. Para Schuback (2008, p. 562) a existência é uma “[...] dinâmica de contínua estruturação em que se trocam os estados, as passagens e os lugares” e também designa “toda riqueza das relações recíprocas entre *presença* e ser, entre presença e todas as entificações, através de uma entificação privilegiada, o homem”.

A presença (*Dasein*) “[...] não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, ela se distingue onticamente pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo seu próprio ser. Mas também pertence a essa constituição de ser da *presença* a característica de, em seu ser, isto é, sendo, estabelecer uma relação de ser com seu próprio ser” (HEIDEGGER, 2008, p. 48). “*Dasein* é presença [...] onde ‘pre’ é o aberto, um lugar-aqui e ‘sença’ é o ser como gerúndio, como um sendo constante, que torna presente num aqui-agora uma possibilidade de ser que assim se desdobra” (PIZZOLANTE, 2008, p. 26).

Ao compreender a existência como essa relação recíproca e constante entre *Dasein* e ser rompemos com a ideia de ser e existir como um dado bruto, fixo e imutável e percebemos que a riqueza da vida é o movimento próprio do acontecer, é *devenir*!

A morte de Bobby desvela o fenômeno da angústia em Mary e isto, como veremos mais adiante, abriu para ela a possibilidade de compreender³ a angústia e o sofrimento do universo dos homossexuais, pois “*Dasein* é indicação de experiência, onde compreender não diz agarrar a realidade com esquemas já dados, mas deixar-se tomar pelo que faz a compreensão buscar compreender” (SCHUBACK, 2008, p. 17). Experienciar a vida ao lado e a morte de um filho homossexual certamente exigiram de Mary novos modos de compreensão

³ Compreender, neste trabalho, não remete ao simples processo de decodificação de mensagens linguísticas, mas, sobretudo, à atribuição de sentidos ao mundo, às coisas do mundo e a si mesmo. Compreender é o modo como nos movimentamos no mundo. Todo movimento humano é compreensão.

de si, de sua religião, da sua família, do mundo e, nesse movimento, as antigas certezas já não satisfaziam mais as novas questões.

A partir dessas reflexões, as questões que orientaram este trabalho foram:

- 1) Como as experiências de ter um filho homossexual podem desvelar um novo modo de compreender o mundo a partir do respeito à diferença?
- 2) Como vivenciar a dor da perda de um filho ante uma situação de preconceito sexual/religioso pode abrir possibilidades para questionar sua fé e, dessa forma, produzir sentidos para vivenciá-la de forma mais humanizada?

Buscaremos neste trabalho o desvelamento⁴ das experiências de Mary, evidenciando que, a partir do encontro com a homossexualidade de seu filho e posteriormente com sua morte, essas experiências se desdobraram em uma busca por se reconstruir a si mesma de forma mais humanizada a partir da angústia que a dominava, por conhecimento acerca do universo homossexual e por uma jornada rumo à militância.

PELAS LENTES DA FAMÍLIA, ENXERGANDO BOBBY...

Após vermos Mary como costureira da existência enquanto Bobby caminha sobre a ponte, aparece-nos uma cena aparentemente filmada de modo caseiro pelo pai de Bobby (Robert Griffith interpretado por Henry Czerny). Nesta filmagem aparece a família Griffith reunida, brincando e Bobby com Michelle (Anna Badalamenti). Michelle é a namorada de Bobby nesta ocasião (3 anos antes de seu suicídio) e Bobby ainda não revelou sua condição a ninguém. Chamo a atenção para essa cena, pois ela se coloca como uma metáfora da visão de todos sobre Bobby. Visto pelas lentes familiares, Bobby era um garoto heterossexual vivendo sua condição com Michelle.

⁴ Buscar desvelar um fenômeno significa sempre partir de uma pré-compreensão consciente que trazemos e que, na verdade, faz parte da própria relação que estabelecemos com o mundo, especialmente se compreendido em seu aspecto histórico. Nessa dimensão, essa pré-compreensão seria uma condição de possibilidade da compreensão do sentido, pois como explicita Ferreira (2009): “A ‘pré-compreensão’ é um termo heideggeriano e remete a uma hermenêutica que não deixa de ser uma fenomenologia, mas que transforma essa fenomenologia acrescentando-lhe a interpretação prévia do mundo como uma condição positiva e constitutiva da compreensão. Essa interpretação nos conta que na lida com o *mundo já estamos sempre em uma pré-compreensão daquilo que queremos conhecer*. Não falamos, portanto, de um preconceito, mas falamos que a nossa própria lida com os fenômenos já nos coloca nesse âmbito de uma compreensão prévia” (FERREIRA, 2009, página 145).

Ao pensarmos no modo como enxergamos as coisas do mundo, percebemos que somos guiados por uma pré-compreensão de mundo, por uma posição prévia⁵ (*Vorhabe*).

Isso expressamente nos revela que a família de Bobby, cristã e tradicionalmente heteronormativa, movia-se pela compreensão de seus desejos de que Bobby fosse heterossexual e, dessa forma, as lentes familiares não poderiam, movidas por essa pré-compreensão, capturar outra forma de ver Bobby que não fosse exatamente dessa maneira. Sempre compreendemos o que está lançada a nossa frente a partir da totalidade conjuntural. Para Heidegger (2008, p. 211)

“Tudo o que está à mão já se compreende a partir da totalidade conjuntural. Esta, no entanto, não precisa ser apreendida explicitamente numa interpretação temática. Mesmo quando percorrida por uma interpretação, ela se recolhe novamente numa compreensão implícita. E é justamente nesse modo que ela se torna fundamento essencial da interpretação cotidiana da circunvisão”.

Mary provavelmente sempre compreenderia a homossexualidade como um erro a ser evitado não fosse o fato de Bobby ter se manifestado como homossexual. Enquanto essa questão não penetrou diretamente o seio de sua família, sendo esta a instituição que o filme deixa muito claro mais importar para Mary, ela provavelmente teria assumido a posição impessoal de permitir que o discurso religioso condenasse pessoas que vivem essa condição, não por escolha, genética ou destino, mas por viver!

“NÃO SOU EU, É A BÍBLIA”... SOBRE A IMPESSOALIDADE DO DISCURSO RELIGIOSO EM MARY GRIFFITH

Domínio de todos e de ninguém, o impessoal se manifesta como a possibilidade do *Dasein* afastar-se de si mesmo para experienciar a cotidianidade, para viver suas ações regidas pela imposição cultural de condutas morais e sociais. Domínio de todos porque todos têm acesso ao domínio do impessoal, a saber: as condutas esperadas e prescritas pelas normas da vivência em sociedade. Mas domínio de ninguém porque essas regras, ao falarem de todos, não se referem a ninguém em específico, tornam o *Dasein* objeto de controle, ao promover

⁵ “A análise da estrutura da interpretação revela uma integração de três momentos fundamentais. Tanto os momentos integrantes como a unidade de integração, ao possibilitarem a interpretação, a precedem. O primeiro momento indica que a interpretação já tem uma posição, que possibilita o horizonte das articulações. *Ser e tempo* exprime esse momento com o termo *Vorhabe*, traduzido por posição prévia. O segundo momento designa a perspectiva em que se encara e vê o conjunto das articulações. *Ser e tempo* diz *Vorsicht*, que foi literalmente traduzido por visão prévia. O terceiro momento consiste numa apreensão desse conjunto de posições e visões prévias, expresso por *Vorgriff*, traduzido por concepção prévia” (SCHUBACK, 2008, p. 575).

um discurso sobre todos acaba homogeneizando a experienciação do *Dasein* ser e estar no mundo⁶.

Para Pizzolante (2008, p. 74)

“O homem desde sempre encontra-se lançado num mundo, na qual convive com os outros. A convivência com o outro coloca o homem numa posição de afastamento de si, ou seja, cria-se espaço para uma projeção exterior, um intervalo onde não se é em sentido próprio, mas que se permite a abertura da relação com o outro, como se o outro lhe roubasse o centro. Este domínio da opinião pública se dá de forma surda, sem que se dê conta. É o domínio do impessoal, do tido como correto, do apenas, do apenas cumprimento dos deveres, da dedicação banal ao cotidiano. O que publicamente se espera, mas que não tem rosto, não se define como sujeito, é o amorfo, o impessoal. O homem apenas repete o que se espera dele, repete as mesmas opiniões, e quer ver apenas o já visto, que não representa nenhum risco. O novo só é aceito como novidade, sem ameaça ou questionamento, é a opinião pública que dita a regra, o que vale é a opinião geral, a conveniência, a média; impera a mediocridade. Esse é o modo de ser da cotidianidade”.

É evidente o império do impessoal nas ações de Mary com Bobby ao longo do filme, em especial quando Bobby vai contar a ela sobre seu novo relacionamento com David (Scott Bailey) e ela começa a repreendê-lo dizendo que isso é errado, é um modo de vida indigno, problemático e condenável. Bobby a questiona sobre o fato dela odiar tanto os gays e ela diz: “Não sou eu, é a bíblia”! Ou seja, ao decidir não ser guiada por si, mas por um discurso homogeneizante, Mary assume viver sob a égide do impessoal, criando para si e para sua família um rompimento nas relações, especialmente com Bobby. Ao afirmar o impessoal como sua morada, Mary se afastava de Bobby porque ele estava decidindo fazer sua própria coisa, ser si-mesmo, apropriar-se de si e não de um discurso impessoal.

Compreendendo que a busca por si e pelo novo pode pôr em risco aquilo que já foi conquistado, percebemos que “É assim, resguardado do risco e acovardado, que o homem se mantém na impessoalidade, se mantém afastado da sua essência de suspensão, de sua essência de abertura ao existir, que é um renovar-se que se desdobra em direção ao próximo, ao que está sempre à frente” (PIZZOLANTE, 2008, p. 43). Não estamos sugerindo que a religiosidade é uma forma inapropriada de se viver ou se manter na impessoalidade e afastado de si, mas, apropriando-nos das palavras do Reverendo Whitsell⁷ (Dan Butler) quando

⁶ Mundo, neste trabalho, não refere-se ao espaço geográfico que ocupamos no universo, mas ao universo de significações em que nos encontramos, desde sempre, lançados. Sendo assim, não há forma de encontrar Homem fora do mundo.

⁷ O Reverendo Whitsell é líder da Comunidade Metropolitana, uma instituição evangélica que milita em favor dos direitos dos homossexuais, tanto como pessoas de direitos quanto dignos da salvação e do amor divino. Pareceu-nos interessante a forma do Reverendo Whitsell confrontar o preconceito de orientação sexual, pois é dentro das igrejas que o discurso religioso homofóbico mais ganha força. Ora, se a Igreja começa então a aceitar

conversou com Mary após a morte de Bobby: “Ter fé cega é tão perigoso quanto não ter fé nenhuma. Questionar sua fé faz com que você tenha uma fé mais profunda”. A partir do questionamento da fé é que Mary pôde encontrar respostas para suas questões e superar a vivência do domínio da impessoalidade.

Movida pela pré-compreensão de que a homossexualidade é um erro a ser evitado, Mary encontra estudos psiquiátricos que afirmam ser possível “curar”⁸ a homossexualidade com a ajuda de um terapeuta. Ela então passa a levar Bobby a sessões individuais e familiares para resolver essa questão junto a uma profissional que alega ser possível reverter a orientação sexual de Bobby de homo para heterossexual. Chamo aqui a atenção para o fato de que podemos, com o nosso chamado “conhecimento científico”, respaldar práticas potencialmente problemáticas e excludentes e, nesse contexto, precisamos de uma reflexão ética sobre a construção do conhecimento.

Assumo aqui a ideia de ética como a prática reflexiva da liberdade (cf. EIZIRIK, 2005). Sendo assim, um desdobramento possível seria pensar a ética como a construção de poderes e saberes sobre si e sobre os outros e, neste sentido, que conhecimento construímos sobre nós nessa relação de poder-saber que tece a rede de nossas relações? Essa reflexão não deve se afastar de nós para que não produzamos conhecimentos que legitimem e justifiquem a exclusão, os genocídios e a morte simbólica das chamadas minorias que a todo tempo nos circundam.

Quando a terapeuta friamente pergunta a Bobby se ele desejava ser homossexual, ele responde: “Eu só quero estar perto de minha família novamente”! Interessante a fala dele, pois nos mostra que para estar perto da família precisaria, obrigatoriamente, afastar-se de si e viver inautenticamente. “O inautêntico se baseia no real. Na realidade posta e disponível que é recebida como um dado objetivo, procurando apenas responder a ela” (PIZZOLANTE, 2008, p. 78). “Para Heidegger, não somos apenas criaturas reais, concretas, mas a possibilidade de

a comunidade LGBTs em sua diferença, então é possível refazer toda a base teleológica e teológica do cristianismo, embora esse não seja o objetivo deste trabalho.

⁸ O termo Cura em Heidegger nos remete “[...] para o nível de estruturação da presença em qualquer relação (...) pois indica a constituição ontológica” (SCHUBACK, 2008, p. 565). Todavia, neste caso, este termo tem um significado mais cotidiano para nós, qual seja o processo de tratamento de uma enfermidade ou doença. O termo veio acrescido de aspas para indicar que nenhum dos autores corrobora com a ideia de que exista qualquer tipo de tratamento que seja capaz de reverter a homo em heterossexualidade e, mais ainda, afirmar a homossexualidade como uma manifestação do desejo humano e não como uma doença.

realização do real; somos seres potenciais, e dependemos de como nos colocamos no mundo. Dependemos de nossas relações com os outros, e sobretudo de como encaminhamos e nos dirigimos a nós mesmos” (idem, p. 20).

Neste sentido, Bobby encontra-se (pela relação que estabelece com a mãe) em um dilema existencial: Ser ou não ser? O dilema Shakespeareano tão citado e conhecido por todos nós ganha corpo na existência de Bobby e o põe diante de si: Assumir o seu desejo e as consequências que isso trará para si e para suas relações familiares ou viver longe de si, no domínio do impessoal e de modo inautêntico, para que sua base não seja rompida?

A MORTE COMO UM HORIZONTE POSSÍVEL

Somos seres temporais. Os únicos seres que tem consciência de sua própria morte, de sua própria finitude. Estamos no tempo, constituímos-nos no tempo, somos o tempo. O homem carrega em si e para si a consciência da morte, compreendida não como algo oposto à vida, mas inerente à própria vida (cf. Heidegger, 2008). A vida só pode ser potencializada e vivida na sua intensidade maior quando se têm consciência da morte.

A morte aparece pela primeira vez como possibilidade de remediar o sofrimento de Bobby quando ele deseja tomar pílulas de um tipo de remédio em uma quantidade que o faria morrer. Por sermos os únicos seres que tem consciência da morte, da finitude, podemos interferir conscientemente no processo de fim de nossa existência. Todavia o irmão mais velho de Bobby, Ed Griffith (Austin Nichols), chega e percebe o que Bobby estava tentando fazer. Bobby confessa a Ed a sua condição e seus desejos e pede para que Ed não o conte a Mary, mas Ed, assustado com a possibilidade do irmão pôr fim a própria existência, acaba contando a Mary sobre o acontecido e sobre a condição do irmão, dando início a uma série de inconvenientes para a família.

Embora Mary tenha tentando fazer com que Bobby satisfizesse suas vontades através de terapias e rituais religiosos, ele decidiu apropriar-se de si e de seus desejos e partiu para uma cidade próxima para a casa de Jeanette (Rebecca Miller), uma prima que aceitava a condição de Bobby e o encorajava a ser como queria. Lá conheceu David (Scott Bailey), amigo de Jeanette, por quem se apaixonou e começou a namorar. Algum tempo depois Bobby foi conhecer a família de David e, embora estivesse feliz, a cena deixou claro que ele não estava presente naquela sala de jantar. Enquanto David e seus pais conversavam, Bobby

lembrava de falas da mãe que o repreendiam por ser homossexual e também do discurso religioso que o condenava ao inferno. Bobby, embora tivesse decidido viver como si-mesmo, ainda se encontrava entre o discurso de condenação e a vontade de liberdade. Algum tempo depois Bobby, tomado por uma profunda tristeza, decide se lançar daquela ponte em que caminhara no começo do filme.

Enquanto subia na ponte, algumas cenas passaram rapidamente para rememorar a trajetória de Bobby até ali e, das lembranças que lhe ocorreram naquele momento, nenhuma delas era feliz, agradável ou confortável. Ao derramar a última lágrima enquanto subia e se virava para poder se atirar da ponte, Bobby lembrou de uma frase de sua mãe quando discutiram na cozinha da casa dos Griffith: “Eu não vou ter um filho gay”! Ele então se lançou e um caminhão com dezoito rodas o matou instantaneamente. O discurso de Mary se materializou no suicídio de Bobby, pois ao afirmar que ela não teria um filho gay ela estava negando Bobby como filho, pois Bobby nunca poderia abandonar sua sexualidade para viver a vontade da mãe. A fala ganha corpo na existência de Bobby e as palavras da mãe encerram a existência de Bobby por causa da ignorância, do preconceito e do medo.

A ANGÚSTIA E A EXPERIÊNCIA DA DOR DE MARY... O *DASEIN* DECIDE SER AUTÊNTICO

Robert se dirige ao trabalho de Mary para contar-lhe sobre o suicídio do filho. Ao chegar lá, conta a Mary e ela, tomada pelo desespero, pede para que a liberem e tenta abrir o portão de acesso sem sucesso. Trancada dentro do lugar de seu ofício, sem poder sair para ajudar sua família, Mary percebe que feita a costura do tecido da vida de Bobby, ela teria que carregar para sempre a agulha com que ajudou a tecer o destino dele, a agulha do preconceito, do medo e da ignorância. O tecido da vida de Bobby agora se acabou!

No funeral de Bobby, Mary permite que o pastor faça um discurso que condena Bobby pelas suas atitudes e ao permitir que no funeral de seu filho um pastor que não convivia com ele o condenasse, Mary nos mostra que durante todo o tempo agiu sob a égide da impessoalidade e incompreensão, mostra-nos que para além de acreditar em suas verdades religiosas ela permitia que o discurso religioso penetrasse o seio de sua família e de forma irrefletida e não questionada fizesse tudo o que faz a sua família. Ao conversar com dois pastores que foram a sua casa algumas semanas depois, Mary os questiona sobre a salvação

de Bobby. Ela diz que, embora ele fosse homossexual, era puro de coração e nunca faria mal a outra pessoa. Naquele momento, ela começa a questionar sua fé e isso abre em sua existência o fenômeno da angústia.

“A angústia não se manifesta como negação, não é a negação do sentido, mas é antes um retroceder diante da construção de qualquer sentido, deixando imperar o sem sentido. É o nada que aparece através da ausência de sentido” (PIZZOLANTE, 2008, p. 83). O sentido da existência do homem só pode ser compreendido a partir de sua essência desconexa do mundo, transcendental, ou seja, em suspensão. Ao perceber que o mundo não nos oferece mais sentido, inaugura-se a angústia.

“A angústia é uma disposição e não deve ser entendida como derivada do que quer que seja. O homem foge de si mesmo, foge de si mesmo por encontrar em si mesmo um nada, por vislumbrar em si mesmo a falta de um sentido determinado; explícito, ôntico, ao qual se possa apegar. E reconhece que ele mesmo é um nada [...] O nada se mostra como aquilo que se é, o nada é de onde se parte. Ao buscar dar a si um sentido, revela-se o sentido, revela-se que o nada constitui primeiramente; originariamente, fazendo-se, portanto, presente. O nada se faz presente. Ou melhor, é a ausência, que como o nada se mostra e se revela, retirando do homem a possibilidade de se compreender a partir do mundo, levando-o a descobrir-se suspenso, sem determinações superiores ou simplesmente dadas, precisando criar para si próprio um sentido” (PIZZOLANTE, 2008, p. 88).

A partir da morte de Bobby, Mary percebe que precisa se reinventar para sobreviver e para aprender a conviver com a dor da perda de um filho e com a culpa por não tê-lo compreendido e aceitado em vida. Mary percebe que sua fé fora construída sobre as bases do falta de questionamento de si, da sociedade, do mundo e agora começa a buscar respostas para dar outro sentido a si, a sua fé e a sua existência. “A angústia é ao mesmo tempo a angústia da perda do mundo como fonte de sentido, e angústia diante da liberdade vertiginosa de não ser coisa alguma palpável, de ser nada” (PIZZOLANTE, 2008, p. 93).

A fé de Mary começa a surgir de forma mais autêntica a partir desse questionamento de si e sua fé. “O autêntico é aquele que ao se manter aberto ao desvelamento da verdade do ente que se lhe oferece como doação, identifica-se a si mesmo entre os entes outros desvelados; e distinguindo-se dos demais, percebe quem e o que lhe é próprio, e quem e o que não é. É nesse jogo entre a imanência e a transcendência que se constitui a existência humana” (PIZZOLANTE, 2008, p. 55). Acreditamos que produzir para si uma fé humanizada é um ponto chave para o começo da dissipação da homofobia nas sociedades ocidentais, haja visto que o cristianismo tem ampla repercussão em quase todas. Mary, sob o apelo do ser, participa e cria sua própria vida e história, autenticamente. Não a partir de uma vontade soberana, mas a partir de sua ação criativa e participativa. Ela aparece, não como sujeito, mas

atravessada pelo acontecer. “[...] o homem é o lugar do acontecer da realidade (PIZZOLANTE, 2008, p. 65)”.

A morte de Bobby, que abre a Mary a angústia e inaugura para ela uma nova disposição e compreensão da vida, é o acontecer necessário para que ela enxergasse a vida de outra forma. “É tomado pela angústia e através dela que o homem se interroga do sentido de sua existência, de seu sentido de ser. O mais próprio do homem, o que o distingue essencialmente dos outros entes, é justamente a sua possibilidade de colocar tal questão, marcando assim a importância do fenômeno da angústia” (PIZZOLANTE, 2008, p. 87).

Heidegger (2008, p. 254) nos diz que

“O angustiar-se abre, de maneira originária e direta, o mundo como mundo. Não é primeiro a reflexão que abstrai do ente intramundano para então só pensar o mundo e, em consequência, surgir a angústia nesse confronto. Ao contrário, enquanto modo de disposição, é a angústia que pela primeira vez abre o mundo como mundo. [...] A angústia singulariza a presença em seu próprio ser-no-mundo que, em compreendendo, se projeta essencialmente para possibilidades. Naquilo com que se angustia, a angústia abre a presença como ser-possível e, na verdade, como aquilo que, somente a partir de si mesmo, pode singularizar-se na singularidade”.

A experiência de ter um filho homossexual e a dor da perda dessa filho inauguraram em Mary a angústia que, não vendo mais sentido algum em permanecer de modo impessoal acreditando em um discurso condenador, abre para Mary o ser-possível questionar sua fé, questionar a si e o mundo e, dessa forma, fazer a si mesma de forma autêntica e humanizada. Ao se permitir alguns diálogos com o Reverendo Whitsell e ir a algumas reuniões do P-FLAG (sigla em inglês que significa “Associação dos Pais e Amigos dos Gays e Lésbicas), Mary percebe que há mais em sua fé que não fora lhe contado e decide se tornar uma ativista dos direitos dos homossexuais, inclusive fazendo um discurso na televisão em rede nacional defendendo os homossexuais. Questionando a si a partir da angústia que lhe acometeu, Mary conseguiu superar seus preconceitos, seus medos, sua ignorância e produzir sentidos para vivenciar sua fé, sua religião e sua família de forma mais humanizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EIZIRIK, M. F. *Michel Foucault: um pensador do presente*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

FERREIRA, L. S. M. *Entre a fenomenologia e a hermenêutica: uma perspectiva em psicoterapia*. Revista da Abordagem Gestáltica, v. 15, p. 143-148, 2009.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHUBACK, M. S. C. *A perplexidade da presença*. In: Heidegger, M. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 15-32.

PIZZOLANTE, R. P. *A essência humana como conquista: O sentido da autenticidade no pensamento de Martin Heidegger*. São Paulo: Annablume, 2008.